

ARTIGOS CIENTÍFICOS - PERFORMANCE MUSICAL

A técnica de canto *belting* e sua aplicabilidade em versões de musicais na língua portuguesa do Brasil: quais os desafios na performance?

Adriana Barea Cardoso (UNICAMP, Campinas, SP, Brasil)
musical.adriana@gmail.com

Angelo José Fernandes (UNICAMP, Campinas, SP, Brasil)
angelojfernandes@uol.com.br

Resumo: A técnica do cantar *belting*, oriunda da escola dos teatros musicais americanos e ingleses, foi sendo introduzida no Brasil no início da década de 1990, devido ao grande número de títulos de musicais da Broadway vertidos para o português. **Objetivo:** analisar a técnica do *belting* entre cantores de língua portuguesa, identificando fatores associados a sua utilização nas versões. **Métodos:** Análise dos ajustes vocais utilizados, além de questionários semiestruturados com professores e performers da cena do teatro musical em São Paulo na última década. **Conclusões:** o uso da técnica orientado por professores habilitados, aliado ao estudo permanente através de exercícios vocais, garantirá a “sonoridade Broadway”, com emissão saudável, inteligível e adaptada a nossa língua.

Palavras-chave: *Belting*, Teatro musical, Broadway, Canto, Técnica vocal.

The *belting* singing technique and its application in Brazilian Portuguese versions: what are the challenges in performance?

Abstract: The *belting* singing technique from American and British musical theater was being introduced in Brazil in the early 1990s due to the large number of Broadway’s musical titles versioned into Portuguese. **Objective:** To analyze the *belting* technique between Portuguese-speaking singers, identifying factors associated with its use in versions. **Methods:** Analysis of voice adjustments used, and semi-structured questionnaires with teachers and performers of the scene of musical theatre in Sao Paulo in the last decade. **Conclusions:** The use of the technique guided by qualified teachers, coupled with the ongoing study through vocal exercises, ensures the “Broadway sound” with healthy issue, intelligible and adapted to our language.

Keywords: *Belting*, Musical theater, Broadway, Singing, Vocal technique.

La técnica de canto *belting* y su aplicación en las versiones musicales en portugués de Brasil: ¿Qué desafíos hay en el desempeño?

Resumen: La técnica de canto *belting* del teatro musical americano y británico se ha introducido en Brasil a principios de 1990 debido a la gran cantidad de títulos musicales de Broadway con versión en portugués. **Objetivo:** Analizar la técnica *belting* entre los cantantes de lengua portuguesa, y los factores asociados a su uso en la identificación de las versiones. **Métodos:** Análisis de los ajustes vocales empleados, así como cuestionarios semi-estructurados con profesores e intérpretes del teatro musical en Sao Paulo en la última década. **Conclusiones:** El uso de la técnica guiada por profesores cualificados, combinado con el estudio permanente a través de ejercicios vocales, asegura la “sonoridad Broadway” con la emisión saludable, comprensible y adaptada a la lengua portuguesa.

Keywords: *Belting*, Teatro musical, Broadway, Canto, Técnica vocal.

1. Introdução

A técnica de canto *belting*, oriunda da escola dos teatros musicais americanos e ingleses (SUNDEBERG et al., 1993), foi sendo introduzida no Brasil a partir de 1990 devido ao grande número de títulos de musicais da *Broadway* que foram vertidos para o português, especialmente no eixo Rio - São Paulo.

[...] o sucesso de bilheteria de *Les Misérables* (2001), *Chicago* (2004) e *Fantasma da Ópera* (2005) em São Paulo dá margem a um novo momento econômico para o teatro musical no Brasil. Nós viramos mercado internacional e os cantores brasileiros começam a vislumbrar o momento onde as audições, dentro dos moldes da *Broadway*, começam a acontecer de forma mais sistemática e profissional. (RUBIM, 2010)

A partir dessa nova demanda de cantores e atores *belters* iniciou-se a procura pelo aprendizado dessa técnica, até então inédita à fonética da língua portuguesa, caracterizada pelas emissões de foco oral, em comparação às emissões de foco nasal da língua inglesa (BAPTISTA, 2000); ressalte-se que, frente à bem estabelecida escola de canto lírico no Brasil, o *belting* surge como nova técnica neste cenário, gerando a inquietação que motiva o presente estudo baseando-se em premissas recentes (MARIZ, 2013).

Das características do *belting* destacam-se: voz metálica, com emissão frontal, estridente (POPEIL, 2007), com alto nível de nasalidade (MILES & HOLLEIN, 1990), posição de laringe alta e atraso de passagem de “voz de peito” para “voz de cabeça” em relação às notas usualmente referenciadas para cada naípe. Segundo Bezzi (1984), a voz masculina tem apenas dois registros, obtendo assim apenas uma nota de passagem de um registro para o outro. Já as mulheres possuem três registros, assim, possuindo duas notas de passagem. Como resultado somam-se características próprias de várias vertentes, como a potência do canto lírico e a inteligibilidade do canto popular (SUNDBERG et al., 2012), resultando em uma emissão dita “mediana”, que alia o falar ao cantar, permitindo projeção vocal ímpar no teatro brasileiro.

Segundo Schutte e Miller (1993), *belting* é um som com volume e brilho, um tanto duro que revela alta tensão. Já no estudo de Bestebreurtje e Schute (2000), que avaliou cantoras *belters*, o *belting* é entendido como o uso da voz de peito (modal), estendida até notas mais agudas, com posição laríngea alta e certa tensão da musculatura laríngea.

Em relação aos resultados encontrados nos sujeitos do sexo feminino, na análise da configuração laríngea foram observadas: maior grau de constrição de faringe e supraglote, o que resultou em uma ressonância mais alta e mais metálica, dados observados na análise perceptivo-auditiva, e elevação dos formantes, observada na análise acústica. (NUNES et al., 2009, p.2).

Portanto, em relação à fisiologia do *belting*, a laringe fica elevada, há um aumento da atividade do músculo tireoaritenóideo (TA), a fase de fechamento das pregas vocais é longa com as pregas vocais completamente estiradas, provocando o aumento da frequência vocal. Nestes ajustes laríngeos não se têm bem estabelecidas as diferenças nos ajustes vocais dos cantores líricos em face a uma adaptação necessária às exigências do teatro musical (EDWIN, 2002; MARIZ, 2013).

A técnica *belting* se revela para muitos educadores vocais brasileiros como “não-natural” principalmente por alegarem uma “sobre-elevação” da laringe no cantar e uma predominância da ação do TA, o que geraria tensões físicas na região do pescoço, e que consequentemente causariam problemas vocais. Porém, segundo Araújo (2013), as lesões vocais não são devidas a uma determinada técnica: cantores líricos, populares e de diferentes estilos estão sujeitos a lesões, e a posição da laringe no cantar também é um conceito controverso pois, ainda segundo este autor, em todos os estilos de cantar há uma mudança na posição laríngea.

A escola de “Bel Canto” europeu questionou a validade artística e até mesmo o valor estético desse estilo de cantar mais pungente e o consideraram “perigoso” por causar lesões vocais (POPEIL, 2007). Muitas dessas lesões vocais, segundo Parution (2009), poderiam ter sido ocasionadas pelo fato de muitos desses performers estarem experimentando este estilo de cantar por si só, por imitação, e forçando suas vozes para se enquadrarem em um padrão, e isso sem a ajuda de um profissional da voz.

Segundo Urech (2006), o segredo do equilíbrio do *belting* está na percepção de como usar os ajustes vocais (musculatura, apoio e ressonância), e na interação entre o TA,

responsável por aduzir, tensionar e relaxar as pregas vocais e o músculo cricotireoideo (CT), que funciona como adutor secundário das pregas vocais, por provocar o alongamento das mesmas (CIELO, 2011).

Até o advento da amplificação no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, a única maneira de uma pessoa ser ouvida era que ela tivesse “projeção” na fala/canto. Os únicos cantores que conseguiam alcançar essa projeção eram os cantores de ópera e os *belters* – estes últimos considerados ilegítimos perante os primeiros, considerados legítimos – razão pela qual o som foi rejeitado como sendo “classe baixa” por um longo tempo (LOVETRI, 2012). No início os *belters* eram frequentemente afro-americanos e eram chamados *shouters* cuja tradução para o português é gritador ou aclamador. Após a amplificação eletrônica, o ato de “cantar com menos esforço” tornou-se possível e os cantores com vozes mais suaves puderam ganhar seu espaço nos palcos dos musicais.

A formação acadêmica de professores especialistas em canto *belting* no Brasil é muito recente. Esses poucos mestres e doutores que estudaram o canto do teatro musical nas universidades fizeram seus cursos nos EUA e atuam hoje no eixo Rio-São Paulo como professores de aulas particulares, como *coaches* e ministrando cursos para alunos aspirantes a adentrar no mundo dos musicais. A professora Marta Rubim, doutora em *Voice Performance* pela Universidade de Michigan, relatou em um congresso de música em Londres em 1997 (Quarto Congresso Internacional de Professores de Canto) que, mesmo nos EUA, há dúvidas e contradições no ensino da técnica *belting*:

Lá me surpreendi com uma palestra da renomada professora e pesquisadora Jo Estill, na qual ela explicava como ensinava a técnica do *belting* e constatei que a maioria dos professores lá presentes, representantes de todo o mundo, tinham dúvidas a respeito da técnica e de como ensiná-la. (RUBIM, 2010)

Grande parte dos mestres que atuam hoje como professores de *belting* em todo o mundo alegam que para se iniciar nesta vertente há um pré-requisito que é o domínio do treinamento lírico ou clássico:

Em minha opinião o canto lírico é a base de todo processo formador de um cantor. Principalmente para o cantor conhecer sua fisiologia, seu instrumento. O canto lírico deve ser incentivado e se tornará grande ferramenta neste sentido. (ARAÚJO, 2010, p. 27)

Existem ainda muitos conflitos sobre o ensino do *belting* em contraposição à escola do canto lírico, tanto nos EUA como no Brasil. Segundo Lovetri (2003) isso acontece porque o *belting* é uma técnica muito recente, se compararmos com a música clássica com suas centenas de anos de existência. As maiores mudanças dentro do canto do teatro musical ocorreram nos últimos 30 anos e, segundo pedagogos, não se sabe a consequência em longo prazo.

Nos EUA existem mais de 40 escolas de bacharelado em teatro musical e pelo menos uma instituição que oferece Mestrado em teatro musical (LOVETRI, 2003). Destacam-se nesse âmbito a *University of Michigan*, *Carnegie Mellon*, *NYU-Tisch School of Arts*, *Penn State School of Theater*, *University of Oklahoma's Weitzenhoffer School of Musical Theater*, *Boston Conservatory*, *University of Texas (Austin)*, *Elon University*, *University of Cincinnati College – Conservatory of Music*, *University of Arizona*.

No Brasil, até o presente estudo, não existem cursos de bacharelado em teatro musical e os primeiros cursos de pós-graduação foram lançados na UNIRIO e na UNIVERCIDADE

(Rio de Janeiro/RJ). Em março de 2015, foi inaugurado o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* em “Interpretação para Musical” pela Escola Superior de Artes “Célia Helena”, com coordenação das professoras doutoras Liana Ferraz e Sônia Goussinski, com o objetivo de preparar o ator para lidar com a linguagem específica de espetáculos musicais.

Existem ainda as escolas de capacitação, com os chamados “cursos livres” em que se destacam a “4Act” e a “OPERARIA” em São Paulo, e a CAL, TABLADO e o Curso de Cininha de Paula, entre outros.

2. Objetivo

Analisar a técnica do *belting* entre cantores de língua portuguesa, identificando fatores associados a sua utilização nas versões em português do teatro musical brasileiro, bem como as nuances relacionadas à aplicabilidade do *belting* no ensino da música contemporânea.

3. Métodos

A título de validação de instrumento para pesquisa de dissertação de Mestrado a ser defendida junto ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, optou-se por conduzir um estudo piloto em que foram aplicados questionários semiestruturados com três perguntas a professores e *performers* da cena do teatro musical em São Paulo da última década: 1. Quais são os desafios do ensino do *belting* (ou do som próximo ao obtido na *Broadway*) no Brasil?; 2. Por que os cantores referem ter dificuldades em produzir o mesmo som quando executam uma canção em inglês de um musical e quando executam a mesma canção realizada em versão para o português?; 3. Quais as estratégias para um *performer* brasileiro chegar nesse som – que para os norte-americanos é natural – sem ‘esforço excessivo’?

Tais perguntas foram baseadas no levantamento bibliográfico percorrido nesta introdução, em comum acordo com o orientador, e a forma das questões intencionalmente salientou disparidades no que tange às línguas portuguesa e inglesa. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos um dentre cada uma destas categorias: protagonista de musical, autor-versionista¹, professor de *belting* com formação nos EUA, preparador vocal de musicais, professor de escola-livre de teatro musical com formação no Brasil, *vocal coach* em aulas particulares.

As perguntas foram enviadas neste formato aberto, sem limitação de tamanho para as respostas, após anuência dos sujeitos em participar deste projeto piloto. Não houve interferência dos entrevistadores durante a elaboração das respostas, que foram enviadas de volta por correio eletrônico em aproximadamente dois meses. As respostas foram então analisadas na busca de termos comuns, e também na identificação de pontos divergentes que pudessem aclarar os objetivos pretendidos.

Principais Conclusões

Com relação aos desafios do ensino do *belting*, a maioria dos entrevistados ressaltou a falta da familiaridade com a emissão própria da língua inglesa (questões fonéticas); o que é intuitivo para os norte-americanos (no canto e na fala) não é natural para os falantes brasileiros da língua portuguesa no que refere ao *belting*. O entrevistado que trabalha como *vocal coach* alerta que no Brasil, dada a maneira como se articula o português, aparentemente há um uso maior da musculatura que fica na laringo-faringe, enquanto que nos Estados Unidos o predomínio é da musculatura mais alta, próxima da naso-faringe. Os entrevistados atentaram para a problemática da falta de profissionais qualificados no ensino da técnica. Ressaltou-se ainda que a tentativa dos cantores de obter esta emissão característica por imitação – sem se buscar o auxílio de professores – pode ser um problema no que se refere tanto à pedagogia quanto à saúde vocal.

No que diz respeito à aplicabilidade da técnica nas versões em português, os entrevistados concordaram que o fato da versão ser adequada para nossa fonética é essencial; e para isso o trabalho dos autores-versionistas se faz primordial para auxiliar os cantores na performance. Além do que, segundo a preparadora vocal de musicais, o português possui predominância de palavras polissilábicas, enquanto o inglês possui um predomínio de vocábulos monossílabos, o que poderia facilitar o canto nas versões originais em inglês por entendimento completo do texto com menor articulação silábica. O professor com formação nos EUA resalta que o *belting* foi idealizado e construído sobre a fonética própria do inglês, que já tem em si o *twang* (som anasalado) natural do idioma. Se o cantor brasileiro focar e exagerar nesse mecanismo, corre o risco de cantar o português com sotaque americano, causando uma descaracterização do idioma.

Quanto às estratégias para se conseguir uma emissão próxima ao som da *Broadway* sem “esforço excessivo”, todos os entrevistados afirmaram que o trabalho juntamente a um professor de canto que domine a técnica *belting* é essencial para uma boa performance sem danos para a voz. Esse treinamento conjunto ajudará, através de vocalises e de trabalho respiratório, o acesso às musculaturas intrínsecas a essa técnica, além de propiciar uma consciência fisiológica do *belting* (propriocepção), com o auxílio da prática de repertório de canções de teatro musical e outras que recrutem o *belting*.

Em suma, muitos fatores influenciam na busca da sonoridade do estilo *belting*, como ajustes laríngeos que não são intrínsecos ao falar e ao cantar da língua portuguesa, por sua emissão predominantemente orofaríngea. Além disso, os ajustes vocais específicos do *belting*, como: timbre, emissão, projeção, registro, articulação, inteligibilidade do texto por vezes são diversos àqueles oriundos das escolas tradicionais (lírico). Assim, pela recente adaptabilidade fonética à língua portuguesa, nota-se que o cantar *belting* é mais facilmente executado na língua inglesa, em função da ressonância propiciada pela fonética do inglês, dada sua emissão predominantemente nasofaríngea. Com o conhecimento destes ajustes laríngeos e da ressonância propostos pelo *belting*, e sabendo do equilíbrio sadio entre nível de esforço vocal e o controle muscular, o uso correto da técnica – aliado ao estudo permanente através de exercícios vocais – será possível nos aproximarmos da sonoridade da Broadway, visando acima de tudo uma emissão saudável, inteligível e adaptada à nossa língua.

Nota

¹ Pela Lei dos Direitos Autorais (Lei 5.988/73), o autor é considerado “pessoa física criadora”, que, no caso específico da música, pode ser o autor ou o compositor. Eles podem autorizar que seja feita uma versão da sua obra, nascendo aí a figura do **autor-versionista**. A versão caracteriza-se por ser uma nova obra, derivada da original já existente.

Referências

ARAÚJO, Marconi. *Belting Contemporâneo: Aspectos técnico-vocais para Teatro Musical e Música Pop*. Brasília: MusiMed, 2013.

BAPTISTA, Barbara O. *The Acquisition of English vowels by Brazilian-Portuguese speakers*. Florianópolis: Gráfica editor Pallotti, 2000.

BESTEBREURTJE, Martine E.; SCHUTTE, Harm K. *Resonance strategies for the belting style: results of a single female subject study*. Journal of Voice, v. 14, n. 02, 2000.

BEZZI, Maria Helena. *A técnica vocal*. Dissertação apresentada ao Conservatório Brasileiro de Música, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Rio de Janeiro, 1984.

CIELO, Carla Aparecida *et al*. *Músculo tiroaritenóideo e som basal: uma revisão de literatura*. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 16, n. 3, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342011000300020&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 02 de fevereiro de 2015.

EDWIN, Robert. *Belting: bel canto or brutto canto*. Journal of Singing, v. 59, n. 1, p. 67-68, 2002.

LOVETRI, Jeannette. *Confusion about Belting: A Personal Observation*. VoicePrints, Journal of the New York Singing Teachers' Association September-October. p. 4-7, 2012

LOVETRI, Jeannette; WEEKLY, Edrie Means. *Contemporary Commercial Music (CCM) Survey: Who's Teaching What in Non-Classical Vocal Music*. Journal of Voice, 17(2): p. 207-216, 2003.

MARIZ, Joana. *Entre a expressão e a técnica: a terminologia do professor de canto – um estudo de caso em pedagogia vocal de canto erudito e popular no eixo Rio-São Paulo*. São Paulo, 2013. [360 f.]. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo. 2013.

MILES, Beth; HOLLIN, Harry. *Whither Belting?* Journal of Voice 4: p. 64-70,1990.

NUNES, Guilherme P. *et al*. *Canto belting em inglês e português: Ajustes do trato vocal, características acústicas, perceptivo-auditivas, descrição fonológica e fonética das vogais*. Anais do 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, Salvador – BA, 2009.

PARUTION, Emmanuelle T. *État des connaissances sur la technique vocale du belting*. Article pour la revue de l'association française des professeurs de chant, Juillet, 2009. Disponível em: <<http://chantvoixcorps.hautetfort.com/media/02/00/789169867>>. Acesso: 02 de fevereiro de 2015.

POPEIL, Lisa S. *The multiplicity of belting*. The NATS Journal, p. 77-80, 2007.

RUBIM, Mirna. *Teatro Musical Contemporâneo no Brasil: sonho, realidade e formação profissional*. Revista Poiésis, n. 16, p. 40-51, Dez. de 2010.

SCHUTTE, Harm K.; MILLER, Donald G. *Belting and pop, nonclassical approaches to the female middle voice: some preliminary considerations*. Journal of Voice, v. 07, n. 02, 1993.

SUNDBERG, Johan; THALÉN, Margareta; POPEIL, Lisa. *Substyles of belting: phonatory and resonatory characteristics*. Journal of Voice, v. 26, n. 01, 2012.

SUNDBERG, Johan; GRAMMING, Patricia; LOVETRI, Jeanette. *Comparisons of pharynx, source, formant, and pressure characteristics in operatic and musical theatre singing*. Journal of Voice, v. 07, n. 04, 1993.

URECH, Celisa. *Belting for contemporary performance*. Newsletter of the Australian National Association of teachers of singing. v. 19, n. 2, 2006.

Adriana Barea Cardoso - é Mestranda em Música pela Unicamp – Instituto de Artes, bacharel em música (Unicamp – IA) com habilitação em Canto Popular e com pós-graduação lato senso em Gestão Cultural pelo Senac – São Paulo.

Angelo José Fernandes - é Doutor em Música pela UNICAMP e docente do Departamento de Música desta universidade. Tem se dedicado à pedagogia vocal e ao estudo da técnica vocal aplicada aos diferentes períodos históricos e estilos musicais.
